

ARTEMREDE
TEATROS ASSOCIADOS

juntos.mais fortes



www.artemrede.pt

A ARTEMREDE é um projecto de qualificação e desenvolvimento cultural, no campo das artes performativas, que pretende apoiar os seus associados na gestão e programação dos seus teatros e de outros espaços de apresentação pública de espectáculos.

Integram actualmente a Artemrede os municípios de Abrantes, Alcanena, Alcobaça, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Oeiras, Palmela, Santarém, Sesimbra e Sobral de Monte Agraço.

Itinerância na Artemrede



Associados: Abrantes | Alcanena | Alcobaça | Almada | Barreiro | Moita | Montijo | Oeiras
Palmela | Santarém | Sesimbra | Sobral de Monte Agraço

foto: Jorge Gonçalves
© artemrede.pt

ARTEMREDE
TEATROS ASSOCIADOS

juntos.mais fortes

UM PRECIPÍCIO

UM TEXTO BRILHANTE SOBRE A PERDA INESPERADA.

NO MAR

ARTISTAS
UNIDOS

www.artemrede.pt

TEATRO

SINOPSE

As coisas correm bem a Alex. Ama a sua mulher, a sua filha, a sua cidade, o seu trabalho... mas por vezes a força da vida pode bater contra nós. E tudo pode ser-nos tirado.

Alex nunca dá voz às palavras cruéis que pronunciou naquele dia. Mas podemos imaginá-las. Simon Stephens leva-nos subtilmente, em tom de confiança, ao ponto em que nos basta apenas preencher as palavras não ditas.

SOBRE O ESPECTÁCULO

Há uns anos (nem muitos, 15? 20?) UM PRECÍPIO NO MAR não seria uma peça de teatro, nem pensar. Seria um conto, daqueles a que unanimemente chamam agora short-story, porque já ninguém sabe o que foi o récit. Tem tudo o que para o conto inventou Maupassant: personagens, situações, o momento decisivo em que o destino muda e a surpreendente "chave", a conclusão. E é contado na primeira pessoa, como em tanta da melhor narrativa anglo-saxónica, aquela primeira pessoa distanciada (pelo tempo, mas também pelo carácter), um eu-ele como só os britânicos, desde a Mansfield, conseguem. E podíamos falar de tanta gente para emparelhar este conto, Alice Munro, por exemplo. Ou Carver. Até às vezes pensei em Ana Teresa Pereira. E, mal o li, pensei em pedir a tradução a Hélia Correia, romancista, ficcionista que os britânicos abandonaram ali entre Mafra e a Ericeira.

Mas não sei de nenhuma outra peça de teatro assim. Por isso mesmo, mal a li (o ano passado) a quis montar (fiel à divisa do editor Robert Voisin: "só quero editar os livros que mais ninguém quer"), para estar numa coisa que nunca vi, nem sabia que existia, um conto ao vivo. Um conto pensado como peça de teatro. Porque Simon Stephens, persistente escritor que há anos tenta "uma certa escrita de teatro" (mas hesita entre várias hipóteses, ainda – saudavelmente – não fixou a voz, nem congelou a maneira), escreveu este falso-conto (este mais-

Monólogo perfeito de trinta minutos, parece a história trivial de um jovem amor, da paternidade e da família, mas com a ratoeira de uma tragédia sem sentido. Pode ser Deus responsável pela beleza da vida e também pela crueldade inexplicável?

Esta peça sobre a família, o medo, o luto e a perda é como um falso mar calmo debaixo do qual se esconde uma corrente violenta de mágoa e tristeza. E NO FINAL, O QUE FAZEMOS NÓS?

-do-que-um-conto) para ser representado. Ao nosso lado, sem luz, sem cenário, ao nosso lado mesmo, aqui ao pé, por um actor igualzinho a nós.

Que procura a maneira de contar uma história dolorosa, que a esconde, a atrasa, a mascara, a quebra. É a partir da dificuldade de contar – ou da possibilidade de desviar, de encobrir a dor – que Stephens consegue criar esta obra breve que será a mais original do seu teatro que já faz dois grossos volumes da colecção da Methuen e mais uns quantos textos soltos (que engraçado, ainda em 2001, vimos Herons, peça ainda juvenil na sala Upstairs do Royal Court – e agora está a ser representado em todo o mundo...) Porque o teatro agora, em 2010, depois de tantas rupturas, sacralizações, dessacralizações, radicalizações, tanto site-specific, dança e transformações – pode agora ser só isso: uma dificuldade em contar a dor, um actor ao nosso lado.

E como é que vamos despedir-nos dele?
Abandonamo-lo? Sozinho?

Jorge Silva Melo

Um episódio em discurso indirecto ou 40 minutos de respiração suspensa entre cada braçada. Assiste-se de perto ao testemunho de uma perda. Testemunho quebrado, em tom menor e grave, marcado por um lento pulsar, como nos dias de verão.

Ricardo Neves-Neves, espectador

BIOGRAFIAS

SIMON STEPHENS

Nasceu em 1971 no Reino Unido. Formado pela Universidade de York. É hoje em dia uma voz cada vez mais significante no teatro inglês. As suas peças são muitas vezes explorações sobre a condição humana da vida familiar. Embora a sua escrita seja muitas vezes brutal, encerra um optimismo e uma autenticidade que o destaca dos autores da geração In-er-face. Até 2005, Simon Stephens trabalhou no departamento literário do Royal Court Theatre. A sua peça Pornography foi aclamada na estreia em 2008 no Festival de Edimburgo. Das suas peças destacam-se Bluebird (1998), On the Shore of the Wide World (2005), Motortown (2006), Harper Regan (2007) ou Punk Rock (2009).

JORGE SILVA MELO

Fundou em 1995 os Artistas Unidos de que é director artístico.

JOÃO MEIRELES

Tem o curso do IFICT (1992). Trabalhou com Luís Varela, Manuel Borralho, Ávila Costa, Adolfo Gutkin, Aldona Skiba-Lickel, José António Pires, o Pogo Teatro e o Teatro Bruto. Integra os Artistas Unidos desde 1995, tendo participado recentemente em Comemoração de Harold Pinter (2010),

Um Precipício no Mar de Simon Stephens (2010-11), Desejo de Benet i Jornet (2011). Da República e das Gentes de Manuel Gusmão e Jorge Silva Melo (2011), Não se Brinca com o Amor de Alfred de Musset (2011-12), A Farsa da Rua W de Enda Walsh (2011-12), A Morte de Danton de Georg Büchner (2012), Por tudo e Por Nada de Nathalie Sarraute (2013).

RITA LOPES ALVES

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1987. Assinou o guarda-roupa de vários filmes de Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa, Cunha Teles, Alberto Seixas Santos, Pedro Caldas, Teresa Vilaverde, Carmen Castelo Branco, José Farinha, Teresa Garcia, Fernando Matos Silva e António Escudeiro. É, desde 1995, a responsável, nos Artistas Unidos, pela cenografia e figurinos. COMPANHIA

PEDRO DOMINGOS

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de quase todos os espectáculos dos Artistas Unidos. Trabalha regularmente com o Teatro dos Aloés. É membro fundador da Ilusom e do Teatro da Terra, sediado em Ponte de Sor, que dirige com a actriz Maria João Luis.

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Autoria Simon Stephens

Tradução Hélia Correia

Encenação Jorge Silva Melo

Interpretação João Meireles

Cenografia e Figurino Rita Lopes Alves

Luz Pedro Domingos

Produção Artistas Unidos

Faixa Etária: M/12 anos

Duração: 45 min.

CARREIRA DO ESPECTÁCULO

MONTIJO | sáb 14 jun 14 | 21h30 | Cinema Teatro Joaquim d'Almeida

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO | sáb 6 set 14 | 21h30 | Cine-Teatro

ABRANTES | sex 12 set 14 | 21h30 | Cine-Teatro S. Pedro

SANTARÉM | sáb 13 set 14 | 21h30 | Teatro Sá da Bandeira